

VIDA LITERÁRIA NO CEARÁ 1914 - 1932

HERMAN LIMA

A segunda década dêste século foi marcada, no Ceará, por alguns acontecimentos da mais profunda repercussão na vida política, social e econômica do Estado, particularmente na sua capital.

Em janeiro de 1912, em consequência de levante popular, no qual tomaram parte rapazes da melhor sociedade, patrões e caixeiros do comércio, homens de tôdas as classes, afinal, era deposto o velho Nogueira Accioly, chefe da oligarquia que havia vinte anos desfrutava o governo e os postos de representação política.

Na eleição que se seguiu àqueles sangrentos combates de rua, foram projetados no cenário político, pela primeira vez, elementos genuinamente provindos do povo, merceeiros, barbeiros, comerciantes em grosso e a retalho, que assomavam, de trás do balcão e de sob o avental do ofício, para a tribuna dos legisladores locais.

Dois anos depois, era, por sua vez, a deposição do sucessor de Accioly, o Coronel Franco Rabelo, forçado pela conivência do governo central, sob a égide de Pinheiro Machado, que apoiaria ostensivamente a chamada "sedição do Juazeiro".

Finalmente, em 1915, uma tremenda sêca, das mais calamitosas que até hoje têm assolado o Estado, é fixada mais tarde, em manchas de muita côr e emoção, no romance de es-

tréia de Rachel de Queiroz — “O Quinze”, que marcaria, com “A Bagaceira”, de José Américo, a renovação da literatura de ficção nordestina.

Entretanto, aquêles acontecimentos convulsionantes de *fond en comble* de certos setores da vida do Estado, nas letras cearenses se refletiram apenas em dois livros de história apaixonada e indiscutivelmente parcial, do romancista Rodolfo Teófilo — “A Libertação do Ceará” e a “Sedição do Juazeiro” — e no livro de Rachel.

Mais sensíveis se sentiriam, seguramente, suas conseqüências, no campo editorial. Realmente, num meio já de si bem parco de recursos, de restrito poder aquisitivo, onde a publicação de livros quase sempre se fazia à custa dos maiores sacrifícios dos próprios autores, ainda mais difícil se tornaria o lançamento de qualquer *plquette* de versos, quando até 1919 a edição do poema regional de Antônio Sales, “Minha Terra” e das preciosas coletâneas das “Redondilhas” e da “Antologia Poética”, de José Albano, ainda teriam de fazer-se por subscrição antecipada.

Assim, os poetas, que sempre andaram em grande maioria sôbre os prosadores, tinham de contentar-se com a inserção dos seus versos (quase sempre sonetos, talvez também por mais econômicos de espaço) nalguma coluna de jornal de boa vontade, como foram especialmente, por mais dados às coisas da literatura, o *Diário do Estado*, dirigido por Soriano de Albuquerque e *A Tarde*, dos irmãos Marinho, com Elcias Lopes e Mozart Pinto na redação. A primeira contribuição oficial digna de nota, em favor das letras regionais, seria a publicação dum volume, “A Poesia Cearense no Centenário”, coligida por Sales Campos, sob os auspícios de Justiniano de Serpa, então Governador do Estado (1922).

A vida literária em Fortaleza, no entanto, nunca perdeu a vivacidade que a caracterizaria, principalmente desde os tempos da *Padaria Espiritual* e do *Centro Literário* dos fins do século passado, a ponto de ter José Veríssimo observado certa vez ser a cidade do Brasil “onde menos apagada é a vida literária”, e Aderbal de Carvalho, publicista de muita noto-

riedade há meio século, depois duma visita ao Estado, em 1895, de lá sair dizendo que “no Ceará a literatura chega a ser verdadeira mania: — o cearense é literato por índole e por nascimento” — como lembra Leonardo Mota em seu livro “A Padaria Espiritual”.

O aparecimento de “Terra de Sol”, de Gustavo Barroso, em 1912, no Rio de Janeiro, atraindo vitoriosamente para o seu jovem autor e para a sua província a atenção de todo o País, pelo sentido de aguda interpretação da terra e da *gens* do Nordeste, constituiria do mesmo passo, para tantos outros jovens sequiosos de idênticos triunfos literários na metrópole, o mais vivo estímulo, pela auréola de talento, pobreza e fôrça de vontade que cercava o nome do autor nos meios intelectuais da cidade.

As revistas de letras, publicadas, como os livros, quase sempre também pelos próprios redatores, multiplicavam-se e se substituíam, em geral na qualidade de órgãos de alguma nova associação ou grupo de rapazes, e, no particular, é por demais expressivo o número dêsses periódicos arrolados por Dolor Barreira em sua torrencial “História da Literatura Cearense”, o mais copioso e rico repositório de dados e anotações críticas das letras de qualquer unidade da federação. Muitas tinham vida extremamente efêmera, não passando muita vez do segundo número, embora outras se destinassem a figurar com relêvo na evolução literária do Estado, pelo valor da sua contribuição em prosa e verso, como foi o caso da *Jangada*, da *Ceará-Revista*, da *Constelação*, da *Panóplia* e da *Fênix*, esta última representante da classe caixeiral e por isso de circulação mais longa e estável.

De 1912 a 1914, a relação de tais publicações inclui ainda *O Arcade*, dedicado a estudos filológicos, a *Fornalha*, *A Cruzada*, a *Tertúlia*, *A Camélia*, *Walhalla*, *Colombo* e *Têmis*, além de outras cujo registro se perdeu no tempo.

Alguns, como a *Fornalha*, órgão do *Inferno Literário*, traziam intuítos fundibulários, como proclamava o artigo de apresentação dessa “inegavelmente bem redigida” revista dos treze sócios do “Inferno”, cujos trabalhos deviam ser firmados

com um nome *avernal*, como anota Dolor: Mefistófeles, Cérbero, Minos, Minotauro, Ahriman, Demo, Satã. O autor do artigo era Martinz de Aguiar (Mefistófeles) que assim escrevia em "Pisando em Brasas":

"Destruir e edificar são os dois grandes argumentos de poder, na frase do Padre Antônio Vieira. Primeiro derrocaremos; mas reconstruiremos, ao depois. E, se não tivermos a felicidade de conseguir a reconstrução, ainda assim os pósteros alvenéis nos ficarão a dever um enorme favor, qual o de lhes têmos deixado cerceado o campo, e nêle alevantados já os novos alicerces".

A pena do jovem filólogo, que desde então já se aprofundava na silva dos clássicos portugueses, na qual de futuro se firmaria como verdadeiro expoente, dava de rijo nos confrades:

"O nosso ambiente literário é paupérrimo, dum pauperismo contristador e nulificante. Escritores não nos temos. São os nossos poetas uns ineptos fazedores de versos sem idéias e mal escandidos, que, para vergonha nossa e gáudio de estranhos, aparecem a rôdo nas broncas páginas das gazetas; e os nossos prosadores estão reduzidos a jornalistas simplesmente imperitos que garatujam uma linguagem algaraviada, babélica, sem lógica, sem gramática e sem estilo. Quando algum dêsses pseudo-literatos possui um pouquinho mais de talento, entrega-se à imitação vergonhosa, insciente e inconsciente, de que resulta mais tarde o relapso plagiato. (...) Atacados de pertinaz epizootia, continuam casmurramente a deformar os belos alexandrinos de Guerra Junqueiro e as frases brosladas de oiro e filigranas de Eça de Queiroz."

A catilinária é de 1913. "Fogosidades de moço", observa Dolor Barreira, acentuando que um meio provinciano onde avultavam espíritos como os de Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Frota Pessoa e Soares Bulcão, "não poderia ser assim contristadoramente paupérrimo."

Os pendores polêmicos de Aguiar, nunca esmorecidos até hoje, tinham já se ensaiado no ano anterior, quando manteve com Antônio Furtado uma acesa discussão, sob o título de

“Bombardas e Bombardeios”, através doutra revista fundada por êle e outros rapazes dedicados igualmente a estudos linguísticos, *O Arcade*, órgão da “Arcádia dos Quinze”.

Note-se, a propósito, que então Cândido de Figueiredo pontificava na imprensa do Rio, com as suas “Lições de Português”, e, a seu exemplo, muitos estudiosos apareceram, na Província, tomando gôsto pelas questões gramaticais.

Semelhantes querelas literárias eram muito glosadas na Fortaleza do tempo, como outras duas que surgiriam mais tarde, no mesmo violento diapasão. Uma, entre os poetas Carlos Gondim e Gustavo da Frota Braga, tendo por objeto os versos do último, “Alcova Deserta”, premiados em concurso promovido pelo *Diário do Estado*, no qual havia tomado parte Carlos Gondim. Êste acusava o contendor de plágio, e não se conformava com o segundo lugar que lhe fôra atribuído, quando é certo que se tratava já dum dos mais altos poetas cearenses daquele tempo. A segunda rusga seria entre aquêle mesmo Antônio Furtado e Virgílio Gomes, igualmente na dependência de outro concurso, êsse de contos, no qual Virgílio saíra vitorioso.

Tais manifestações, em prosa quase sempre candente e muito escorreita, quando, na verdade, Eça de Queiroz exercia ainda uma influência solar em nossas letras, conseguiam, pela sua turbulência, ou pelo relêvo dos nomes em foco, despertar intensa curiosidade por parte do público.

A última contenda do gênero, de que me recordo, foi às vésperas justamente da minha saída do Ceará, quando, por volta de 1920, Sales Campos, autor dum livro de versos, “Alamêda do Sonho”, buscando uma rima para aquela primeira palavra, forçara-lhe o acento, para emparelhá-la com “queda”.

Por aquela época achava-se em Fortaleza o ensaísta Sílvio Júlio, professor de português do Colégio Militar, recentemente criado, e êste saiu a campo, insurgindo-se contra a liberdade do poeta. Sales Campos revidou, a disputa azedou-se pelos jornais, e Sílvio Júlio, muito inflamado, acabou desafiando-o para resolver a questão a chicote, em plena Praça do Ferreira, num duelo dos mais singulares, caso realizado.

Tempo também das conferências literárias, seguindo a moda do Rio, onde tinham tido a maior repercussão, a partir de 1913, o ciclo da Biblioteca Nacional e o da Sociedade de Homens de Letras.

Os registros da hora assinalaram com o maior relêvo palestras como as do poeta Alfredo de Castro, sobre “O Poeta e a Poesia”; “A Mulher e a sua Cultura Literária”, de Adonias Lima; “Vivere Parco”, de Antônio Fiúza Pequeno, alto comerciante, de excelente cultura e grande inteligência; “O Feminismo” e “A Falência da Moral Leiga”, de José Sombra.

Gustavo Barroso, que regressara ao Ceará, em 1914, como secretário do governo do seu tio, General Benjamin Barroso, proferiu também duas conferências muito brilhantes — “Danças” e “A Guerra”, a última, com entrada paga, em benefício do caricaturista cearense J. Artur, que a ilustrara com *charges* dos chefes de Estado da Europa em luta.

O ponto para essas palestras era geralmente o elegante salão do Clube dos Diários, que, com o Iracema, disputava o centro das atenções da sociedade cearense. Outras se realizavam na ampla casa de diversões, Politeama, na Praça do Ferreira, até que, em 1917, com a criação do Salão Juvenal Galeno, passou êste a servir de palco de preferência para tal gênero literário.

As sociedades de letras também proliferavam. Em “A Padaria Espiritual”, Leonardo Mota chega a enumerar oitenta e cinco, fundadas entre 1875 e 1935, sem falar noutras muitas, sob a égide de nomes como Humberto de Campos, Rui Barbosa, Justiniano de Serpa, Domingos Olímpio, Machado de Assis, Rodolfo Teófilo, Raimundo Correia, Clóvis Monteiro e outros mais, vivos e mortos.

Delas, a mais bulhenta e extravagante foi, sem dúvida, a famigerada *Academia Polimática*, surgida em março de 1922, por iniciativa dum grupo de frequentadores da Praça do Ferreira, com Euclides César, Aloísio Coimbra e Antônio Furtado à frente. Tornada logo muito popular, pelas suas manifestações espetaculares, congregava, ao que se dizia, mil sócios, logo de partida.

Um dos seus oradores terminava sempre os seus discursos veementes com a frase:

— “A Academia Polimática é um fato! E ai de quem duvidar!”

Outro dos seus associados aventou um dia que os confrades deveriam comparecer às sessões com “uma indumentária clorofilada, isto é, com vestes da côr verde e uma clâmide da mesma côr e punhos de arminho.”

Raimundo de Menezes, que dá essa informação em seu livro de crônicas cearenses, “Coisas que o vento levou...” lembra as características daquela entidade, dum delicioso e inócuo pitoresco:

“A Polimática, por qualquer motivo, estava a lançar o seu protesto, bastando vislumbrar algum atentado aos princípios da Justiça e da Fraternidade universais, dentro e fora das fronteiras da pátria. Quando, àquele tempo, Mussolini mandou bombardear a Ilha de Corfu, que fêz a Polimática ? Protestou, enèrgicamente, pela voz humorística de Eurico Pinto”.

“Os sócios tratavam-se entre si pela saudação, que se tornou ritual, de “espirituais confrades”, sendo que o presidente, Euclides César, recebia o título pomposo e retumbante de “espiritualíssimo confrade.”

“Foi uma solenidade sem igual a sessão consagrada à memória de Guerra Junqueiro, como também um sucesso formidável a procissão, logo após a notícia de sua morte, em homenagem a Rui Barbosa. Um grupo de polimáticos exaltados invadiu, nessa ocasião, a Rotisserie e fêz silenciar a orquestra que, barulhentemente, atacava a música de um maxixe irrequeto...”

“Os espirituais confrades cultivavam, a seu modo, a mística das nossas tradições patrióticas e literárias. Daí aquêles protestos ardorosos em consequência de um inofensivo telegrama afixado na esquina da Maison Art Nouveau concebido nos seguintes termos: “Última hora! Rui Barbosa acaba de ressuscitar, fumando um cigarro Acácia!”

“A Polimática não dormia sôbre o fogo sagrado.”

Fator digno de nota, na vida literária do Ceará, logo após

o término da Primeira Guerra e coincidindo com a criação do citado Colégio Militar, em 1919, foi o regresso de dois cearenses dos mais ilustres no cenário das letras brasileiras: o poeta José Albano, que voltava depois duma longa permanência na Europa, e Antônio Sales que, ao cabo duma intensa vida de jornalismo e de literatura nas melhores rodas do Rio, se refugiaria em Fortaleza, para de lá nunca mais se afastar.

Lembrando sua passagem pelo Colégio Militar, Sílvio Júlio, então fator de grande animação das rodas intelectuais, pelo seu feitio agitado e polemista, como vimos, assim se refere, em seu livro "Terra e Povo do Ceará", ao movimento literário da capital cearense, daquele tempo:

"Passaram-se os anos, e vejo, vejo nitidamente a Livraria Ribeiro, à rua Major Facundo, freqüentada por mim e por muitos intelectuais, sem exceção ilustradíssimos e talentosos. E o que se me gravou melhor na memória aí está: a comedida, a discreta, a oportuna distribuição de argumentos que eles encadeavam, desenvolvendo-os em frases nada ampulosas e às vezes irônicas."

"Guardo, no melhor da minha alma, o quadro das atividades daquele Salão Juvenal Galeno, colmeia de sonhadores, com sua abelha-mestra, a vivificar tudo: uma Atenas que a Doutora Henriqueta Galeno reedifica todos os dias. Evoco também a roda do Café Riche, dominada pelo espírito boêmio de Quintino Cunha. Estudantes, jornalistas e homens de negócios ali se reúnem cotidianamente. Eu, que já lecionara noutros lugares, ficava espantado de apreciar o gosto dos cearenses pelo estudo. Os rapazes discutiam sobre filologia e história, literatura e política. Conheci jovens de dezesseis anos que liam Virgílio em latim, e com facilidade. De certo modo, o Café Riche, com a inquieta pilhéria de Quintino Cunha à vanguarda, era uma academia livre."

No Salão Juvenal Galeno, que ainda hoje se abre, periodicamente, para homenagear figuras de relêvo nas letras nacionais, de passagem pelo Ceará, foi que se iniciaram vários escritores da minha geração, além de servir de palco para a audição de versos e conferências de poetas e prosadores já fir-

mados no meio literário, como Beni Carvalho, Júlio Maciel (também recém-chegado, com um belo renome literário, depois de longos estágios no sul), Cruz Filho (autor de versos aparecidos com relêvo nas revistas do Rio e que só então se resolvera a deixar sua reclusão na cidadezinha natal de Canindé, para ser recebido na capital como um dos grandes das suas letras), Soares Bulcão, Irineu Filho, Mozart Pinto e tantos outros. Meus primeiros contos, como os primeiros versos de Sabóia Ribeiro, Clóvis Monteiro, Leão de Vasconcelos, Otacílio de Azevedo, Sales Campos, hoje quase todos radicados no sul, foram ouvidos pela assistência sempre de escol, acorrida ao prestigioso salão, findando-se a festa, muita vez, com uma farta mesa de refrigerantes e doces regionais, desde o aluá ao pé-de-moleque ou o bôlo de carimã, preparados pelas duas filhas do famoso bardo das “Lendas e Canções Populares” cognominado o “Béranger brasileiro” e que, às vésperas do centenário, cego e recolhido à sua rêde, na alcova, podia ouvir ainda a longínqua ressonância do estrô dos seus jovens confrades.

A presença de outro poeta, igualmente ausente do Ceará por muitos anos e que lá voltaria também em 1919, como Delegado Fiscal do Tesouro, Mário Linhares, homem de eterna devoção às letras, profundamente cordial e gregário, contribuía ainda para aquêles encontros, cotidianamente renovados, como recorda Sílvio Júlio, nas mesas do Café Riche ou na Livraria Ribeiro, onde Oscar Araripe, muito atilado e arguto no trato dos poetas e romancistas, mantinha sempre em dia as novidades do Rio. Em sua casa foi que adquiri as primícias de Simões Lopes Neto, nas brochurinhas de Echenique & Cia., de Pelotas, ainda hoje conservadas com o mesmo zêlo de quando me revelavam aquêles primores do mais autêntico regionalismo brasileiro; os “Urupês”, de Monteiro Lobato, em explosivo aparecimento; o “Vergão”, de Martins Fontes, na sua tardia e ardente estréia literária em livro; a “Via Sinuosa”, de Aquilino Ribeiro, de par com o “Pelo Sertão” de Afonso Arinos, na sua edição de 1917, ainda quase desconhecido de todos nós, e que seria outro deus penate a transportar por terras e mares, por onde fôsse, na minha ciganagem de cearense; a edição ilustra-

da de deliciosas vinhetas de côr, em formato esguio e estranho, do "Só"; o "Livro de Cesário Verde", tão estranho e tão lúcido; chegados com as habituais bateladas dos romances de Eça, Camilo, Herculano, Júlio Diniz, Abel Botelho, João Grave (então em grande voga no Brasil); dos contos e das crônicas de Fialho d'Almeida, das poesias de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Guerra Junqueiro. Nada, porém, de livros franceses, era a lacuna que todos lamentávamos, pois o comércio com as livrarias da França nunca se fêz em Fortaleza, por motivos difíceis de explicar. Anatole, Balzac, Flaubert, Zola, Maupassant, os simbolistas e parnasianos franceses, ainda em pleno vigor entre nós, tinham de ser adquiridos particularmente no Rio, por intermédio de amigos.

Infalível, de 1915 a 1922, quando me mudaria para a Bahia, e o mais importante para aquela espécie de torneio de literatura oral, que praticávamos, era o encontro vespertino dos intelectuais na *terrace* do Café Riche, fronteiro à Praça do Ferreira e ao qual também se refere Theo Filho, no seu curiosíssimo livro "Uma Viagem Movimentada", para frisar de preferência a falta de higiene do interior da casa.

Nossas reuniões, no entanto, se faziam do lado de fora, em plena calçada, em tórno de mesinhas de ferro, onde raramente se bebia um cafêzinho vasqueiro, servido pachorrentamente pelo Chico, mameluco de olhos malaios na larga face bronzeada, e que vez por outra se achegava a um de nós, para um reparo malicioso sôbre algum freguês doutra mesa.

Habitués permanentes eram não só os *gros bonnets* das letras, já citados, como os neófitos, cordialmente acolhidos pelos veteranos. As figuras centrais eram José Albano, o mais pontual de todos, a fuzilar o recém-chegado à roda, com o ôlho franzido por trás do inseparável monóculo, grande figura, tão estranha nos seus delírios megalomaniacos e na sua lírica seiscentista; Antônio Sales, principal estimulador de todos os jovens estreantes, considerado unânimemente o Mestre, pelo respeito e simpatia de todos; Quintino Cunha, verdadeira reencarnação de Paula Nei, mas sem dúvida muito mais trêfego e imprevisto, quando nada pela existência muito mais longa

que levou, invariavelmente igual no seu padrão de vida em redor de mesas de café e de subsistência igual à dos lírios do campo e dos pássaros do céu; Felino Barroso, pai de Gustavo e um dos homens de mais verve sarcástica da cidade; Martinz de Aguiar, então já respeitado por todos, apesar da sua flamejante juventude profundamente jovial; Carlos Gondim, sempre no seu jeito soturno e adunco de ave de rapina. Ali se cruzavam *potins*, comentários a livros e autores, ouviam-se versos e prosa recentemente saídos da forja, surgia de vez em quando um comensal efêmero e estranho, como um jovem sertanejo quase analfabeto na época, mas poeta de inspiração impressionante, Serra Azul, que depois se tornaria familiar em todos os torneios literários do tempo, e Mário da Silveira, meteórico e por igual brilhante, na sua presença, de que seríamos privados pouco depois, no desenlace duma lamentável tragédia passional. Leonardo Mota, regressando do Rio, em 1921, com o triunfo retumbante do lançamento do seu livro "Cantadores", era com certeza o *dandy* da roda, com o seu fraque, colete e gravatas vistosas, de etiquêtas da metrópole.

Curiosamente, notava-se uma completa indiferença dos escritores da roda pela política, não somente militante como doutrinária. Ninguém praticava uma literatura *engagée*, havendo mesmo um divórcio integral entre o jornalismo de combate, exercido com a maior contundência pelo velho João Brígido, Hermenegildo Firmeza, Júlio Ibiapina e Antônio Drummond, e as letras de ficção, mesmo em face dos acontecimentos políticos mais importantes do País, muito embora não fôssem raras as manifestações verbais, onde flamejava sempre a oratória de Quintino Cunha, tão completo na chispa maliciosa duma nota instantânea, como no tropo eletrizante duma oração para o povo.

Numa cidade sem divertimentos, como era Fortaleza, na época, além do cinema e sem a vida mundana hoje progressiva e agressivamente generalizada nos seus clubes suntuários, tratando-se quase sempre de rapazes sem maiores possibilidades econômicas, eram assim as letras o refúgio predileto de

tantos espíritos, ali tendo nascido e se organizado vários livros de futura publicação.

Outras manifestações culturais dignas de nota eram as representações teatrais de amadores, a cargo de rapazes e moças da sociedade, tendo ficado famosas encenações de óperas e operetas, como "A Cavalaria Rústicana e a Geisha", com verdadeiras revelações do bel canto, e as burletas de Carlos Câmara, em tórno das aventuras de certa Peraldiana, em cujo desempenho um modesto funcionário dos Correios, Eurico Pinto, era muitas vêzes magistral, pelas suas interpretações histriônicas.

A família Albano, da melhor tradição nos salões, dava também pequenos espetáculos a domicílio, em seu solar do Alagadiço, como aconteceu com a "Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas, e "Les Momanesques", de Rostand, em tradução de Irineu Filho e Beni Carvalho. Beni era um dos poetas mais exímios na transposição de versos, quer na língua natal para o francês, quer do francês para o vernáculo.

A partir de 1922, até 1930, a situação seria mais ou menos a mesma, com muitas deserções, porém, entre os frequentadores das rodas de café, não só no Riche, como na Maison Art Noveau, fronteira àquele.

Passaria então a vigorar em Fortaleza a renovação das letras, sob o sôpro modernista, de que seria a figura mais fortemente projetada no cenário nacional Rachel de Queiroz.



Thomaz Pompeu



Antônio Sales



*Thomaz Pompeu
Sobrinho*



Dolor Barreira

Presidentes da
nossa Academia



Mário Linhares



Raimundo Girão



Andrade Furtado



Renato Braga

